

Dawkins, uma Confusão

Naturalismo ad absurdum

Alvin Plantinga

Tradução: Vitor Pereira¹

Richard Dawkins não está satisfeito com Deus:

“O Deus do Antigo Testamento é sem dúvidas o personagem mais desagradável de toda ficção. Ciumento e orgulhoso; mesquinho, injusto, maníaco controlador implacável, vingativo, sedento de sangue, misógeno, homofóbico, racista, infanticida, genocida, filicida, pestilento, megalomaníaco...”

Bem, não é necessário terminar a citação; deu pra entender a idéia. Dawkins parece ter escolhido Deus como seu arquiinimigo. (Vamos esperar, para o bem de Dawkins, que Deus não retribua na mesma moeda.)

*Deus, um delírio*² é um extenso discurso contra a religião em geral e a crença em Deus em particular; Dawkins e Daniel Dennet (cujo recente *Quebrando o Encanto* é sua contribuição para esse gênero) são a dupla de ataque do ateísmo acadêmico.³ Dawkins escreveu seu livro, ele diz, para encorajar ateus tímidos a saírem do armário. Ele e Dennet parecem acreditar que é necessária uma boa dose de coragem para atacar a religião nos dias de hoje; Dennet diz, “Eu ponho minha cara a tapa, mas ainda assim eu persisto.” Aparentemente o ateísmo tem seus próprios heróis da fé – seus auto-intitulados heróis. Nesse ponto não é fácil levá-los a sério; atacar a religião no ocidente é tão perigoso quanto apoiar o candidato da festa num encontro republicano.

Dawkins é talvez o escritor de ciências mais popular do mundo; é também um escritor de ciências muito talentoso (Por exemplo, seu livro *O Relojoeiro Cego* é um brilhante e fascinante *tour de force*). *Deus, um delírio*, entretanto, contém pouca ciência; é em grande parte filosofia e teologia (talvez “ateologia” seria um termo mais apropriado) e psicologia evolucionista, junto com seus comentários sociais denegrindo a religião e seus efeitos maléficos. Como a citação acima sugere, não devemos esperar do livro um comentário cuidadoso e minucioso. De fato, o nível de insulto, ridicularização e zombaria é gritante. Se Dawkins se cansar do seu trabalho cotidiano, um futuro promissor como comentarista político o aguarda.

¹ Tradução disponível no blog <http://despertaibereanos.blogspot.com/>.

² Publicado no Brasil pela Companhia das Letras. (N. do R.)

³ Um terceiro livro sobre esses assuntos, *The End Of Faith* (O Fim da Fé), foi escrito recentemente por Sam Harris, e ainda mais recentemente uma seqüência, *Carta a Uma Nação Cristã*, então talvez deveríamos falar do trio de ataque – ou, já que Harris é muito jovem nesse empreitada (ele é um estudante de graduação) talvez “Os três ursos do ateísmo”?

Agora, apesar do fato de seu livro ser em grande parte filosófico, Dawkins não é um filósofo (ele é biólogo). Entretanto, mesmo levando isso em conta, muito da filosofia que ele propaga é simplória, na melhor das hipóteses. Poderíamos dizer que suas “filosofadas” estão, no máximo, no nível de um estudante de primeiro período, mas isso seria injusto com os estudantes; a verdade é que muito de seus argumentos seriam reprovados numa aula de filosofia qualquer. Isso, combinado com o tom arrogante e “mais-inteligente-que-você” do livro, é irritante. Eu tento colocar a irritação de lado, e fazer o meu melhor para levar o principal argumento de Dawkins a sério.

O capítulo 4, “Por que quase com certeza Deus não existe”, é o centro do livro. Bem, por que Dawkins acha que é quase certo que não haja um Deus? Segundo ele, é porque a existência de Deus é extremamente improvável. Quão improvável? O astrônomo Fred Hoyle disse que a probabilidade de a vida ter surgido na Terra (de forma natural e sem intervenção de nenhuma inteligência) não é maior que a chance de um furacão, ao passar por um ferro-velho, ter a sorte de construir um Boeing 747. Dawkins parece acreditar que a probabilidade da existência de Deus está nessa mesma esfera – tão pequena que deve ser considerada impossível. Porque ele acha isso?

Aqui Dawkins não apela para os argumentos anti-teístas mais comuns – o argumento do problema do mal, ou a alegação de que é impossível existir um ser com os atributos que os crentes atribuem a Deus.⁴ Então por que ele acredita que o teísmo é altamente improvável? A resposta: se houvesse um Deus, ele teria que ser extremamente complexo, e quanto mais complexo algo for, menos provável é: “Por mais estatisticamente improvável que for a entidade que se queira explicar através da invocação de um designer, o próprio designer tem de ser no mínimo tão improvável quanto ela. Deus é o Boeing 747 Definitivo”.⁵ A idéia básica é que qualquer coisa que saiba e faça o que Deus sabe e faz teria que ser incrivelmente complexa. Em particular, qualquer coisa que pode criar ou projetar algo tem que ser no mínimo tão complexo quanto o objeto a ser criado. Em outras palavras, Dawkins diz que um designer tem que conter no mínimo tanta informação quanto o que há de ser criado ou projetado, e a informação é inversamente proporcional à probabilidade. Logo, ele pensa, Deus teria que ser extremamente complexo, astronomicamente improvável; dessa forma é quase certo de que Deus não exista.

Mas por que Dawkins acha que Deus é complexo? E porque ele acha que quanto mais complexo algo for, menos provável é? Antes de examinar melhor suas objeções, gostaria de desviar nossa atenção por um momento;

⁴ Embora Dawkins cite (p.54), aparentemente aprovando, o argumento de que Deus não pode ser onisciente e onipotente: se ele é onisciente, então ele não pode mudar de opinião, logo, há algo que ele não pode fazer, então ele não é onipotente (!).

⁵ *Deus, um delírio*, Companhia das Letras, pg. 156. (N. do R.)

essa alegação de improbabilidade pode nos ajudar a entender algo muito confuso sobre o argumento de Dawkins em seu antigo e influente livro, *O Relojoeiro Cego*. No livro ele argumenta que a teoria científica da evolução mostra que nosso mundo não foi projetado – por Deus ou qualquer outra coisa. Esse pensamento é enfatizado pelo subtítulo do livro: *Porque a Evidência da Evolução Revela um Universo sem Desígnio*.⁶

Como? Suponha que a evidência da evolução sugira que todas as criaturas vivas tenham evoluído de uma forma elementar de vida: como isso revela que o universo não tenha um desígnio? Bem, se o universo *não* foi projetado, então o processo da evolução não é dirigido nem orquestrado por um ser inteligente; ou seja, como Dawkins sugere, ele é *cego*. Então, sua alegação é que a evidência da evolução revela que o processo evolutivo não é planejado, guiado e orquestrado por algum ser inteligente.

Mas como poderia a evidência da evolução revelar algo assim? Depois de tudo, não poderia Deus ter dirigido e observado o processo evolutivo? O que faz Dawkins pensar que a evolução não é dirigida? O que ele faz no *O Relojoeiro Cego*, basicamente, são três coisas. Primeiro, ele conta de forma bem detalhada, alguns dos fascinantes detalhes anatômicos de certas formas de vida e sua complexidade inacreditável; esse é o tipo de coisa na qual Dawkins é especialista. Segundo, ele tenta refutar argumentos que dizem que uma evolução cega e não dirigida não poderia produzir algumas das maravilhas do mundo da vida – o olho, por exemplo, ou a asa. Terceiro, ele sugere como essas coisas e outros sistemas orgânicos poderiam ter se desenvolvido sem direção inteligente.

Suponha que ele esteja certo nessas três coisas: como isso mostraria que o universo não tem um desígnio? Seus argumentos detalhados suportam a conclusão de que é *biologicamente possível* que esses organismos e sistemas tenham evoluído por mecanismos Darwinianos não dirigidos por uma inteligência (e algumas coisas que ele diz sobre isso são de interesse considerável). O que é curioso, entretanto, é a forma que parece ser o principal argumento. A premissa que ele utiliza é algo assim:

1. Nós não conhecemos nenhuma objeção irrefutável de que é biologicamente possível que todas as formas de vida tenham se desenvolvido por um processo darwiniano não dirigido;

e Dawkins apóia essa premissa tentando refutar objeções de que não seria biologicamente possível a vida ter se desenvolvido dessa forma. Sua conclusão, entretanto, é

2. Tudo da vida se desenvolveu por processos darwinianos não dirigidos.

⁶ O subtítulo da tradução brasileira é: *A Teoria da Evolução Contra o Desígnio Divino*.

Vale à pena refletir, só por um momento, na grande distância entre a premissa e a conclusão. A premissa nos diz, substancialmente, que não existem objeções irrefutáveis para a possibilidade da evolução não dirigida ter produzido todas as maravilhas do mundo vivente; a conclusão é que de fato a evolução não dirigida produziu todas essas maravilhas. A forma do argumento é algo como

Não conhecemos nenhuma objeção irrefutável para a possibilidade de p;

Logo,

p é verdadeiro

Os filósofos às vezes apresentam alguns argumentos inválidos (eu já fiz isso algumas vezes), mas poucos desses argumentos apresentam tamanha distância entre a premissa e a conclusão quanto o argumento de Dawkins. Eu entro no meu escritório e anuncio para o diretor que o deão permitiu uma transferência de R\$100.000 para mim. Ele pergunta o motivo, e eu respondo que não conhecemos nenhuma objeção irrefutável para o fato de o deão permitir a transferência. Eu acredito que ele gentilmente sugeriria que eu me aposentasse.

Esse ponto é onde a suposta improbabilidade massiva do teísmo é relevante. Se o teísmo é falso, então, (sem contar algumas sugestões bizarras que podemos seguramente ignorar) a evolução não é dirigida. Mas é extremamente provável, Dawkins pensa, que o teísmo seja falso. Assim, é extremamente provável que a evolução não é dirigida – em cujo caso para estabelecer essa sentença como verdadeira, ele parece imaginar, é necessário simplesmente refutar as alegações de que isso seja impossível. Então, talvez possamos pensar no seu argumento em *O Relojoeiro Cego* da seguinte forma: ele está realmente empregando como uma premissa não expressa sua idéia de que a existência de Deus é muito improvável. Se sim, então o argumento não parece ser tão magnificamente inválido. (Contudo, ainda é inválido, mesmo que não tanto – você não pode afirmar algo como fato simplesmente refutando as objeções, e acrescentando que é muito provável).

Agora, suponha que voltamos para o argumento de Dawkins de que o teísmo é extremamente improvável. Como você lembra, a razão que Dawkins apresenta é que Deus teria que ser extremamente complexo, dessa forma, extremamente improvável (“Deus, ou qualquer ser capaz de decisões inteligentes, é complexo, que é outra forma de dizer improvável”). O que podemos falar desse argumento?

Não muito. Primeiro, Deus é complexo? De acordo com muitos teólogos clássicos (Tomás de Aquino, por exemplo) Deus é simples, e simples num sentido muito forte, de forma que nele não há distinção entre matéria e substância, atualidade e potencialidade, essência e existência. Alguns pontos da

discussão da simplicidade divina são bastante complicados, para não dizer misteriosos.⁷ (Não é apenas a teologia católica que diz que Deus é simples; de acordo com a confissão Belga, uma expressão esplêndida do Cristianismo Reformado, Deus é “um único e simples ser espiritual.”) Então, primeiro, de acordo com a teologia clássica, Deus é simples, não complexo.⁸ Mais notável, talvez, é que de acordo com a própria definição de complexidade de Dawkins, Deus não é complexo. De acordo com sua definição (afirmada em *O Relojoeiro Cego*), algo é complexo se tiver partes “colocadas de tal forma que não parecem ter chegado a tal ponto por puro acaso”. Mas é claro, Deus é um espírito, não um objeto material, e por isso não tem partes.⁹ A fortiori (como os filósofos gostam de dizer), Deus não tem partes arranjadas de forma que parecem ter surgido por puro acaso. Logo, pela definição de complexidade de Dawkins, Deus não é complexo.

Então, primeiro, não é nada óbvio que Deus é complexo. Mas segundo, suponha que nós concedêssemos, ao menos para fins de argumentação, que Deus é complexo. Talvez pensemos que quanto mais um ser sabe, mais complexo é; Deus, sendo onisciente, seria então altamente complexo. Talvez sim, mas ainda, porque Dawkins acha que Deus é improvável? De uma perspectiva *materialista* e da idéia de que todos os objetos no nosso universo são constituídos de partículas físicas, talvez um ser que soubesse muito seria improvável – como poderia tais partículas se arranjar de tal forma capaz de constituir um ser com todo esse conhecimento? Claro, estamos falando sob uma ótica materialista. Dawkins está argumentando que o teísmo é improvável; seria dialeticamente deficiente *in excelsis* argumentar isso usando o materialismo como premissa. *É claro* que não existe um ser como Deus se o materialismo for verdadeiro; de fato, é implícito ao materialismo a não existência de Deus; mas seria cometer uma falácia lógica argumentar que o teísmo é improvável porque o materialismo é verdadeiro.

Assim, por que achar que Deus tem que ser improvável? De acordo com o teísmo clássico, Deus é um ser necessário; não é possível que não existisse um ser como Deus; ele existe em todos os mundos possíveis. Mas se Deus é um ser necessário, se ele existe em todos os mundos possíveis, então a probabilidade de que ele exista, é claro, é 1, e a probabilidade de que ele não exista é 0. Longe de ser improvável de que ele exista, sua existência é muito provável. Então, se Dawkins propõem que a existência de Deus é improvável, ele nos deve um argumento de que não existe um ser com os atributos de Deus – um argumento que não comece simplesmente da premissa materialista. Nem ele, nem ninguém apresentou um argumento decente nesse

⁷ Veja meu trabalho “Does God Have a Nature”? Aquinas Lecture 44 (Marquette Univ. Press, 1980).

⁸ O distinto filósofo de Oxford (Dawkins o chama de teólogo) Richard Swinburne propôs alguns argumentos sofisticados para a alegação de que Deus é simples. Dawkins menciona o argumento de Swinburne, mas não argumenta contra; ele se resume a ridicularizá-lo.

⁹ E a Trindade? Como devemos imaginar a Trindade, não é muito claro; é claro, entretanto, que seja falso que para cada uma das três pessoas da Trindade, haja outro ser do qual cada uma dessas pessoas faz parte.

ponto; Dawkins nem parece imaginar que precisa de um argumento desse tipo.

Um segundo exemplo do estilo de argumentação Dawkinsiano. Recentemente uma série de pensadores propôs uma nova versão do argumento do desígnio, o chamado “Argumento do Ajuste-Perfeito” (Fine-Tuning Argument). Começando entre os anos 1960-70, astrofísicos e outros notaram que muitas das constantes físicas básicas tem que estar dentro de limites muito estreitos para que haja desenvolvimento de vida inteligente. Por exemplo, se a força da gravidade fosse uma pequena fração maior, todas as estrelas seriam gigantes azuis; se só uma fração menor, todas seriam anãs vermelhas; em nenhum dos casos a vida se desenvolveria. O mesmo vale para a fraca e forte força nuclear; se qualquer deles fosse um pouco diferente, a vida, de qualquer forma que nós a temos, não se desenvolveria. Igualmente interessante nessa conexão é o tão chamado problema plano: a existência de vida também parece depender delicadamente da velocidade de expansão do universo. Diz Stephen Hawking:

Uma redução do nível de expansão do universo de uma parte em 1012 no tempo em que a temperatura do universo era 1010 K teria acarretado um colapso no Universo quando seu raio era somente 1/3000 do valor atual e a temperatura ainda era 10.000 K.¹⁰

Seria quente demais para o conforto. Hawking conclui que a vida só é possível porque o universo está expandindo no nível necessário para evitar o colapso. Num tempo anterior, ele observa, o ajuste do universo tinha que ser ainda mais notável:

Nós sabemos que deve existir um equilíbrio muito preciso entre o efeito da expansão explosiva e a contração gravitacional a qual, numa era muito remota sobre a qual nós podemos falar (chamada o momento Planck, 10-43 seg. depois do big bang), teria que corresponder ao incrível nível de acurácia representado por um desvio no seu raio de uma unidade somente em 10 elevado a 60.¹¹

Uma reação a essas enormes coincidências aparentes é enxergá-las como um substituto a alegação teísta de que o universo foi criado por um Deus pessoal, e serve de material para um argumento teísta – argumento do ajuste perfeito (Fine-Tuned Argument).¹² É como se um grande número de ligações tivessem que ser ajustadas em limites muito estreitos para que a vida

¹⁰ “A Anisotropia do Universo em Tempos Longos,” em M.S.Longair, ed., *Confrontação das Teorias Cosmológicas com Informações Observadas* (Springer, 2002), p.285.

¹¹ John Polckinhorne, *Science and Creation: The Search for Understanding* (Ciência e Criação: A Busca por Entendimento) (Random House, 1989) p.22.

¹² Uma das melhores versões do argumento do ajuste perfeito foi proposta por Robin Collins em “A Scientific Argument for the Existence of God: The Fine Tuning Design Argument,” em Michael J. Murray, ed., *Reason for the Hope Within* (Eerdmans, 1999), pp. 47-75.

fosse possível no universo. É extremamente improvável que isso aconteceria por sorte, mas muito mais provável que acontecesse se houvesse um ser como Deus.

Em resposta a esse tipo de argumento teísta, Dawkins, junto com outros, propõe que possivelmente existam muitos (talvez infinitos) outros universos, com muitas outras distribuições de valores das constantes físicas. Pelo fato de haver tantos, é provável que alguns deles apresentassem os valores necessários à criação da vida. Então, se existe um enorme número de universos apresentando valores diferentes das constantes fundamentais, não é tão improvável que alguns deles sejam “perfeitamente ajustados” (fine-tuned). Podemos imaginar quão provável é que existam todos esses outros universos, e se há alguma razão (além do desejo de refutar o argumento do ajuste perfeito) para supor que exista tal coisa.¹³ Mas suponha por um momento que, de fato, existam tantos universos e que é provável que alguns deles sejam perfeitamente ajustados e favoráveis à vida. Isso ainda deixa Dawkins com o seguinte problema: ainda que seja provável que *alguns* universos sejam perfeitamente ajustados, ainda é improvável que *esse* universo seja perfeitamente ajustado. Chamemos nosso universo de *alfa*: a probabilidade de que *alfa* seja perfeitamente ajustado é astronomicamente baixa, mesmo sendo provável que um ou outro universo seja perfeitamente ajustado.

Qual é a réplica de Dawkins? Ele apela ao “princípio antrópico”, o pensamento de que o único tipo de universo no qual nós poderíamos estar discutindo essa questão é aquele que é perfeitamente ajustado para a vida:

A resposta antrópica, em sua forma mais geral, é que nós poderíamos estar discutindo essa questão apenas no tipo de universo que foi capaz de nos produzir. Portanto, nossa existência determina que as constantes fundamentais da física tinham que estar em suas respectivas zonas de Cachinhos Dourados (favoráveis a vida).

Bem, é *claro* que nosso universo teria que ser perfeitamente ajustado, visto que vivemos nele. Mas como isso explica o motivo de *alfa* ser perfeitamente ajustado? Ninguém pode explicar esse fato mostrando que de fato nós estamos aqui – mais do que eu posso “explicar” o fato de que Deus decidiu me criar apontando o fato de que se Deus não tivesse decidido me criar, eu não estaria aqui para fazer a pergunta. Ainda parece absurdo que essas constantes tenham os valores que têm; ainda é extremamente improvável, pela sorte, que elas tivessem esses valores; e é ainda muito menos improvável que elas tivessem esses valores, se houvesse um Deus que desejasse um universo favorável à vida.

Mais um exemplo do pensamento Dawkinsiano. No *O Relojheiro Cego*, ele considera a alegação de que, visto que a maquinaria auto-duplicável da vida é

¹³ Veja minha análise de “Darwin’s Dangerous Idea” de Daniel Dennett em Books & Culture, Maio/Junho 1996.

necessária para a seleção natural funcionar, Deus tem que ter iniciado todo o processo evolucionário criando a vida em primeiro lugar – especialmente criando o maquinário duplicador original do DNA e da proteína que fazem a seleção natural possível. Dawkins replica da seguinte forma:

Esse é um argumento débil, de fato é obviamente auto-refutável. Complexidade organizada é o que temos dificuldade de explicar. Uma vez que só nos é permitido postular a complexidade organizada, somente a complexidade organizada do DNA/proteína da máquina duplicável, é relativamente fácil invocar isso como um gerador de ainda mais complexidade organizada... Mas é claro que qualquer Deus capaz de projetar inteligentemente algo tão complexo quando a máquina DNA/proteína teria que ser no mínimo tão complexo e organizado quanto a própria máquina... Para explicar a origem da máquina DNA/proteína invocando um Designer sobrenatural é explicar exatamente nada, porque deixa inexplicada a origem do Designer.

Em “Darwin’s Dangerous Idea” (A Perigosa Idéia de Darwin), Daniel Dennett cita essa declaração de Dawkins e diz que é “uma refutação inquestionável, tão devastadora hoje como quando Philo derrotou Cleanthes nos Diálogos de Hume dois séculos atrás”. Agora no *Deus, um Delírio* Dawkins cita a sua própria citação feita por Dennett, e acrescenta que Dennett (i.e. Dawkins) está totalmente correto.

Nesse ponto há muito a dizer, mas eu vou falar só um pouco. Primeiro, suponha que nos aterrissássemos num planeta alienígena orbitando uma estrela distante e descobríssemos objetos semelhantes a máquinas que parecessem e funcionassem como tratores; nosso líder diz “tem que haver seres inteligentes nesse planeta para construírem esses tratores”. Um estudante de filosofia do primeiro ano objeta: “Ei, espera aí! Você não explicou nada! Qualquer ser inteligente que projetou esses tratores teria que ser no mínimo tão complexo quanto eles são”. Sem dúvidas diríamos a ele que um pouco de aprendizado pode ser perigoso e o advertiríamos a pegar o próximo foguete pra casa e fazer mais um ou dois cursos de filosofia. Porque é perfeitamente aceitável, nesse contexto, explicar a existência dos tratores pela existência de vida inteligente, mesmo levando em conta que a vida inteligente teria que ser tão complexa quanto os tratores. A questão é que nós não estamos tentando dar a última explicação sobre a complexidade organizada, e não estamos tentando explicar a complexidade organizada de um modo geral; apenas estamos tentando explicar uma manifestação específica de complexidade organizada (os tratores). E (a menos que você esteja tentando dar uma explicação final para a complexidade organizada) é perfeitamente apropriado explicar uma manifestação de complexidade organizada usando outra complexidade organizada. De forma similar, ao invocar Deus como o criador

da vida, não estamos tentando explicar a complexidade organizada de um modo geral, mas apenas um tipo específico, i.e., vida terrestre. Então (ao contrário da realidade, como eu creio) mesmo que o próprio Deus apresente complexidade organizada, seria perfeitamente apropriado explicar a existência da vida terrestre pela atividade divina.

Um segundo ponto: Dawkins (e novamente Dennett ecoa suas palavras) argumenta que “a principal coisa que queremos explicar” é a “complexidade organizada.” Ele continua dizendo que “o que torna a evolução uma teoria tão eficaz é que ela explica como a complexidade organizada pode surgir da simplicidade primitiva,” e ele atribui ao teísmo a incapacidade de explicar a complexidade organizada. Agora, a *mente* seria um grande exemplo de complexidade organizada, de acordo com Dawkins, e, sem dúvida, é inegável que Deus é um ser que pensa e sabe; assim, suponhamos que vejamos Dawkins argumentando que o teísmo não oferece uma explicação para a mente. É óbvio que os teístas não são capazes de dar uma explicação definitiva para a mente, porque, naturalmente, não há nenhuma explicação para a existência de Deus. Ainda, como isso serve de arma contra o teísmo? Toda explicação chega a um ponto final; para o teísmo o ponto final é Deus. É claro, o mesmo vale para qualquer outra visão; qualquer explicação chega a um ponto final. O materialista ou o fisicalista, por exemplo, não têm uma explicação para a existência de partículas elementares: elas simplesmente existem. Então, alegar que queremos ou precisamos de uma definitiva explicação para a mente é, mais uma vez, inventar uma questão contra o teísmo; o teísta nem quer nem precisa de uma explicação definitiva de personalidade, ou pensamento, ou mente.

No final do livro, Dawkins apóia certo ceticismo limitado. Já que fomos “ajuntados” pela (não-dirigida) evolução, é improvável, ele acha, que nossa visão de mundo seja precisa; a seleção natural está interessada no comportamento adaptativo, não em uma crença verdadeira. Mas Dawkins falha em ignorar as profundas implicações céticas da visão de que nós surgimos pela evolução não-dirigida. Podemos ver isso como segue. Como a maioria dos naturalistas, Dawkins é materialista a respeito dos seres humanos: seres humanos são objetos materiais; eles não têm um ser imaterial ou uma alma ou substâncias reunidas em um corpo, e não contêm nenhuma substância imaterial. Sob esse ponto de vista, nossas crenças seriam dependentes de questões neurofisiológicas, e (sem dúvidas) uma crença seria uma estrutura neurológica de algum tipo complexo. Agora, a neurofisiologia da qual nossas crenças dependem vão ser sem dúvidas adaptativas; mas por que imaginar por um momento que as crenças dependentes ou causadas por essa neurofisiologia seriam em grande parte verdadeiras? Por que acreditar que nossas faculdades cognitivas são confiáveis?

De um ponto de vista teísta, esperaríamos que nossas faculdades cognitivas fossem confiáveis. Deus nos criou à sua imagem, e uma parte

importante da nossa semelhança com Sua imagem é a habilidade de formular crenças verdadeiras e adquirir conhecimento. Mas de um ponto de vista naturalista, o pensamento de que nossas faculdades cognitivas são confiáveis (produzem uma preponderância de crenças verdadeiras) seria no máximo esperança ingênua. O naturalista pode estar razoavelmente certo que a neurofisiologia por trás da formação da crença é adaptativa, mas não que a *verdade de uma crença* dependa de tal neurofisiologia. De fato ele teria que afirmar que é improvável, pela evolução não-dirigida, que nossas faculdades cognitivas sejam confiáveis. É mais provável, pela evolução não-dirigida, que nós vivemos em um tipo de mundo imaginário, do que saibamos realmente algo sobre nós mesmos ou o mundo.

Se for assim, o naturalista tem um *invalidador* para suas alegações de que suas faculdades cognitivas são confiáveis - uma razão para rejeitar essa crença. (Exemplo de invalidador: suponha que alguém me disse que você nasceu em Michigan e eu acreditei; mas agora eu te pergunto, e você diz que nasceu no Brasil. Isso me dá um invalidador para a minha crença de que você nasceu em Michigan.) E se ele tem um invalidador para *essa* crença, também tem um invalidador para qualquer crença que seja produto de suas faculdades cognitivas. Mas é claro que isso seria em relação a *todas* as suas crenças – incluindo o próprio naturalismo. Então o naturalista tem um invalidador para o próprio naturalismo; o naturalismo, logo, é auto-refutável e não pode ser racionalmente crido.

O problema real aqui, obviamente, é o naturalismo de Dawkins, sua crença de que não existe Deus ou algum ser como ele. Isso é assim porque o naturalismo exige que a evolução seja não-dirigida. Então, a conclusão mais ampla é que não é possível aceitar racionalmente o naturalismo e a evolução; o naturalismo, portanto, está em conflito com a principal doutrina da ciência contemporânea. Pessoas como Dawkins dizem que há um conflito entre ciência e religião porque eles acham que há um conflito entre evolução e teísmo; a verdade, entretanto, é que há um conflito entre ciência e materialismo, não entre ciência e crença em Deus.

Deus um Delírio é bombástico, mas não apresenta uma razão real para acreditarmos que a crença em Deus é equivocada, muito menos um “delírio”.

O naturalismo que Dawkins abraça, além do mais – em adição ao seu desamor intrínseco e suas conclusões desanimadoras sobre o que é o ser humano e qual é o seu lugar no universo – está em profundo problema auto-referencial. Não há razão para acreditar no naturalismo, e há razões excelentes para rejeitá-lo.

Alvin Plantinga é Professor John A. O'Brien de Filosofia na Universidade de Notre Dame.